

LUIZ MURAT

RYTHMOS

E

IDÉAS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO
S. PAULO /
BELLO HORIZONTE '

1920

RYTHMOS E IDÉAS

Luiz Murat, o grande poeta nacional em cuja personalidade superior culminam todos os predicados de cultura de sua geração, e é, sem favor, a maior das figuras da poesia brasileira desse tempo tanto pela magnificência do estro e da technica, como pela altitude e profundezza do pensamento philosophico, tem prompto um novo livro, que aliás não será ainda a cupola de sua obra, mas constitue já o annuncio do luminoso fecho e remate da prodigiosa açtividade litteraria de um dos mais puros e brilhantes espíritos que a nossa arte tem produzido.

A um reduzido grupo de amigos e confrades deu Luiz Murat a honra de uma primeira leitura desse amplo, largo, sonoro e translúcido poema em que, pela primeira vez, e no ar despreoccupado de que se diverte, a sua poderosa lyra condescende afinal com o soneto, semeando de permeio algumas producções desse gênero, que nada ficam a dever aos que levaram a vida inteira a cultivar a saborosa flor das qua-

torze pétalas. Vê-se bem que essa inovação nos seus processos habituaes de fazer verso é uma replica brilhante aos que lhe censuravam o abandono e desprezo pelos pequenos camapheus, que viraram mania no Brasil. Com que facilidade a severa musa se mette na roupagem miuda dos dous quintetos e dos dous tercetos e que nota nova de grandeza interior sabe imprimir nessas joias, que, á força de abundancia, nos outros, perderam o seu encanto e o melhor de sua graça!

Baudelaire descreve o orgulhoso albatroz, que vencia as tempestades, preso no tombadilho das náos e servindo de escarneo aos marujos. Então, o colosso, cuja aza as fúrias do vento nunca vergaram, é todo outro, esquerdo, tropego, ridículo:

Ses ailes de géant l'empêchente de marcher. . .

Com Murat isso não acontece. Elle vai se revelar, e isto por simples desfastio próprio, e despique aos outros, tão grande no soneto, como já se mostra-

ra nos dilatados poemas em que a sua inspiração veio se apurando, de crisol e crisol, até chegar, através do portentoso Swedenborg, A summa sabedoria e á perfeita bondade dentro da eterna belleza, que só pôde ser o fruto das altas relações da vida comprehendida com o sentimento do legitimo amor, sem exclusão da sciencia, mas da sciencia que crê e adivinha, numa subordinação completa a vontade de Deus, que é o sopro intimo de tudo e está no homem, como na pedra, na arvore, no lago e na procella.

Rythmos e Idéas — é este o titulo do novo livro de Luiz Murat, que os editores vão de certo disputar. E diz bem o titulo a esse maravilhoso contexto em que os pensamentos mais altos fluem na fôrma mais rica, rebrilhando em pedrarias faiscantes e conceitos evangélicos penetrados de harmonia.

Não temos á mão os originaes que o autor egoisticamente carregou, e não podemos assim citar nenhum trecho. Mas conservamos ainda no ouvido a musica soberba e commovida desse coração que

sabe, e pensa, e acredita, não se perdendo nunca no negativismo estreito das falsas escolas, e de olhos sempre abertos para a Nova Jerusalém, onde a Belleza, a Bondade, o Saber, a Fé, o Trabalho, a Paz, hão de brilhar definitivamente um dia com perpetuo esplendor, e sem vestígio dos erros antigos e das velhas manchas, que atormentaram a humanidade e deturparam por millennios a formosura do sonho justo.

E essa impressão aqui a deixamos, com um voto muito sincero para que não se demore a publicação do esplendido volume.

FELIX PACHECO.
(Do *Jornal do Commercio*).

PROLOGO

Leconte de Lisle, no discurso pronunciado sobre Victor Hugo, na Academia Franceza, disse com razão: "Victor Hugo é antes de tudo e sobretudo um grande e sublime poeta, isto é, um irreprehensível artista, pois os dois termos são necessariamente idênticos. Soube mudar a substância de tudo em substância poética, o que constitui a condição expressa e primeira da arte, único meio de escapar ao didactismo rimado, negação absoluta de toda a poesia."

Ao tempo em que se procurou fazer da poesia um meio de se vulgarisarem idéias que não eram propriamente aquellas que interessavam á grande arte, o seu prestigio baixou, o seu valor diminuiu, a sua pureza foi decalcada pela insufficiencia dos meios de que se socorreram os máos interpretes da opinião que em tudo punha uma relação systematica entre a idéia superior e o phenomeno representativo.

Estudando-se o valor schematico do que está

expresso em tudo quanto podemos apprehender na natureza, verifica-se que o cahos precisa ser organizado e que uma natureza mais bella precisa irromper das linhas grosseiras e deficientes do involucro, que aquella exprime, desde que se sepultara no gráo infimo da realidade apparente.

O espirito de ordem que preside a todas as manifestações do poder absoluto, transmite aos objectos um pouco da realidade, nelles intangível, quaesquer que sejam as contingências a que se os apeiem. A realidade invisível, modificada invariavelmente pelo meio, mas indefectivelmente idêntica na sua esphera inaccessible e remota, é que suscita a imagem e a transmite, embora decalcada, á visão poética.

De facto, a substancia se nos depara em toda parte. Não ha uma substancia scientifica, nem uma substancia poética, nem uma substancia religiosa: — ha a substancia. Quando se houver feito a reconciliação entre a sciencia e a religião, a poe-

sia virá á flôr em toda a sua pureza e graça, que graça é ella no aspecto geral das combinações, mais ou menos convencionaes, embora, das descobertas e deducções que formam o organismo scientifico,

A irreductivel opinião (até então irreductivel) de que é impossível harmonisar as três es-pheras, isto é, convertel-as, animal-as do mesmo espirito, é o que naturalmente levou Leconte de Lisle a affirmar que o que se tornava mister era transmudar a substancia de tudo em substancia poética. O que se tentou no Brasil, assim como em outros países, foi o didactismo poético, refractario, em absoluto, á arte. A imagem, a emoção, a vida, em summa, não residem, em regra, na engenhosa combinação de preceitos, no amálgama exposto e definido, no que se deduzio mal, pela fórmula, a revestir o character espontâneo e vago das cousas que estão acima do que chamamos impropriamente a realidade.

Assim, pois, sem nenhum predicado que tornasse possível uma relação entre o que a sciencia coordenava e a poesia procurava generalisar, os poetas, chamados scientificos, rimavam apenas, ao envez de transmittir essa emoção que a própria sciencia é capaz de extrahir do mais rudimentar dos phenomenos.

A realidade, a menos palpável, escapava sempre áquelle simulacro de poesia, áquella derogação de toda a capacidade de entrever no fundo do que se tornava accessivel á nossa visão, o que era verdadeiramente bello, portanto, difficilmente accessivel ao nosso olhar.

Os grandes poetas não fazem mais do que aceitar o facto, para depois abrirem novas perspectivas á contemplação, creando, dest'arte, novos motivos á emotividade, cujo ascendente sobre tudo quanto houvermos contemplado, é, sem nenhuma duvida, o fundamento da arte, o Monte Ira dos poetas: ali, também, se ouve a voz do Archanjo, annunciando o mandato divino.

A falta de idealização, que constitue o principal character da poesia, turbara o horisonte, no qual devera surgir o astro glorioso.

Para mostrar quão profunda é a união existente entre o que observa e o que idealisa, Augusto Comte verberou com inteira justiça, os que procuravam reduzir a arte "a esses prazeres sensuaes ou mesmo a essas tendências technicas sem nenhuma tendência moral. As inclinações estheticas, que, dignamente subordinadas aperfeiçoaram tanto os costumes modernos podem tornar-se profundamente corruptoras ao seu legitimo ascendente.

Assim degenerada, a arte tão própria a desenvolver os instinctos sympathicos, póde directamente suscitar o mais abjecto egoismo, provocando uma inteira indiferença social nos que resumem a sua principal felicidade em gosar os sons ou as formas".

O didactismo, incapaz de descobrir no que

affecta a nossa retina o que aproximadamente constitue a realidade ou a forma; incapaz de comprehender que quanto mais caminhamos naquillo que chamamos realidade, mais penetramos no mundo das imagens ou das idéias, e, por consequência, no mundo da poesia, resumia o bello na traducção banal e grosseira das palavras ou das formulas. Ahi não havia tal substancia, mas um simulacro della, um traço mal definido e imperfeito do que devera ser o molde, ou a expressão da arte.

No volume que se vae ler, o seu autor quiz demonstrar que uma nobre philosophia não é incompatível com uma alta poesia. Tentou aliar, pois, a mais pura sciencia, á mais profunda emoção, isto é, "mudar a substancia de tudo em substancia poética".

O homem que foi e que é? A sua origem remota é perfeita. A Biblia, aludindo ao setimo dia, remonta á idade de ouro, em que a natureza hu-

mana não se havia ainda subvertido, nem transformado o brilho das suas vestes em manchas carregadas, ou descido do apogeu de sua gloria ao supremo vilipendio da expulsão do Paraiso pelo Anjo. Ahi, sim, a humanidade é a que vivia em outros planos superiores da verdade; não havia decaihdo, não se precipitara nos vicios, não se corrompera aos contactos da matéria, já poluida, deformada pelas paixões, tolhida nas suas aspirações para, de novo, attingir a esphera de que se originara,

O poema começa, quando o mal attingio os pontos mais sensíveis da nossa natureza moral. Em quanto se não sentio peado pelas paixões, ou vivia sem preocupações egoisticas, era o homem de facto, o filho de Deus. Ao depois, porém, o espirito se lhe degradara e uma acção opposta, a que até certo tempo se havia feito sentir, começara de afastal-o do caminho que até então trilhara.

Exposto assim, o seu coração a influencias de

toda a ordem, não lhe foi lícito receber mais a palavra de amor e de paz que seus ouvidos ouviam, á hora em que seu espirito se entregava á meditação.

*Do antigo rito a voz, calou-se. . . O pensamento
Não é mais o que foi. Luz, no lodo immergio,
E, em vez da náu aproar com rumo ao firmamento,
Desviou-se do roteiro e nos parceis cahio.*

Mais adiante :

*Na alluvião deslustraste as tuas brancas vestes.
Ainda ha signaes do teu fastigio em Suph, em Silo,
Em Gessur, em Rabath. Á s phalanges celestes
Te incorporaste, e, á frente, empunhando o vexilo,
E o bárbaro investindo, ás ameias subiste,
Os bastiões derribaste. . . Admirável bravura!
Embriagado, porém, pela gloria cahiste
E de crimes manchaste a tua estriงe pura.*

E, do mesmo modo, em outros lances, em que se assignala a decadência do homem.

Uma vez, desviado do caminho que, até ahi, trilhara, foi avassallado por forças muitas vezes superiores, e tombou.

As formidáveis crises religiosas, que Moysés admiravelmente synthetisara em episódios jamais excedidos, ou mesmo equalados, são fastos a inculcarem aquella pressão, correntes que no seu batalhar constante foram creando entre o receptaculo do amor e o orgão da origem do poder, uma incompatibilidade tal que a luz obrumbou-se nos sonhos do scepticismo ou da rebeldia e a acção coordenadora e efficaz do influxo omnipotente nos desvios da intelligencia, ha muito ofuscada pelo instincto ou pelos impulsos desordenados do coração.

Abel é um surto em que a virtude inspirada pelo bem, é repudiada de modo a que o principio religioso encontre, não a fé ligada á caridade, como no Éden, mas della separada, obviando, dest' arte, a que tropeços, cada vez mais prementes, ve-

nham crear obices á tendencia do espirito humano a só fazer aquillo que se coadune com os impulsos do seu coração ou as normas do seu character.

A esses regulamentos que o dever religioso impunha aos homens de uma idade suspeita, senão francamente aviltada, dava-se uma interpretação mais liberal, porque no jogo das paixões occasionaes, a indole pervertida do homem não se sentia á vontade para corrigir as falhas da sua natureza moral ou sobrestar nas imposições do desejo, subvertido ás camadas ou condições aleatorias que o momento ia, ao acaso, suscitando.

De voragem em voragem, pois, rolou o espirito humano, sem lograr nunca mais affirmar a sua origem, ou coordenar as energias para desassombradamente continuar a sua marcha, n'aquelles tempos admiravelmente conduzida por forças disciplinadas e esclarecidas, a pautarem

as suas acções pelo que directamente emanara das regiões mais puras do pensamento.

Ao mesmo passo, porém, que, neste poema, se realisa o transumpto de uma visão, perfeitamente de accôrdo com uma origem já compromettida, assignalase a differença existente entre a substancia poetica que pode servir á inspiração e as tentivas didacticas dos que, sem talento e sem orientação, procuram remover difficuldades, cujo apparelho de resistênciã sobreexcedia em tudo os recursos de que dispunham para o bom exito do ensaio.

O que é mister, é manter o culto da belleza verdadeira que reside, sobretudo, na realidade e no pensamento.

Onde, porém, a realidade? Onde o pensamento? São tão diversificadas as suas nuanças, tão difficil abrir caminho através a vida, que elles resumem e projectam, que a ninguém é licito affirmar: a realidade está aqui. São attitudes da

verdade o que se nos patentea ao olhar. O que se retrae á contemplação, por nos faltar o instrumento com que devemos attingil-o, não é menos verdadeiro e chega a ser até mais consentaneo com o que definimos como sendo a expressão da realidade cada vez mais remota e incognoscivel.

Seja como for, entretanto, o que se deve é pesquisar a verdade, recuar o mais possivel os limites da realidade invisivel. Conciliar-a com o pensamento que revestio pela queda a apparencia que nos é familiar, é dever da litteratura, principalmente da poesia.

Fôra extranho recusar aos homens superiores a consciência de seu proprio valor, sempre amplificado pelo inevitável augmento da illusão humana, disseram.

Porque illusão, se a illusão é já uma realidade? Quem se illude estará fora della? Não. Poderá ter havido um erro de perspectiva, um desencontro entre a visão e o facto: um traço ou traços

desfigurados do que nos passa um instante pela consciencia. Mas, se o motivo não foi perfeitamente apprehendido, ou se o contorno não nos deo tempo de o reter na retina ou na memória, não se segue, por isso, que não haja incidido sobre uma das arestas em que a observação se dividira para ampliar o raio de acção e determinar a posição do objecto.

Tudo é realidade, bem ou mal percebida. A illusão, pois, não é uma negação da realidade, mas, quando muito, um desvirtuamento della. A substituição das religiões dogmáticas, não pela arte, como quer Guyau, mas pelo que já existio e ha de existir, é o que se ha de dar. Os preconceitos cessarão, e o homem comprehenderá que todo o esforço para vencer, no sentido de sua própria personalidade, sem nenhum interesse pelos outros, será vão.

E' o que é preciso que elle saiba. O fim de todo o progresso não é o que nos diz respeito, mas o

que diz respeito aos outros. Os que pensam que vieram ao mundo para cuidar da sua pessoa, sem nenhum outro dever, possuem uma visão muito estreita da realidade. Ahi, sim, é que elles se illudem e redondamente.

O fim a *qxxe* cada um de nós se destina é transpôr os obices creados pelo egoísmo ou pelo amor de si mesmo e ir muito além, observando, constatando, examinando, procedendo, em summa, de modo a trazer mais claridade á vida e mais esperança á noite profunda em que se debate a intelligencia humana. O esforço em se poder descobrir alguma cousa que dessedente o peregrino e o livre de seu fardo é em que consiste, e tão sómente, o dever dos que se entregam á lucta em prol da verdade e do bem estar do seu próximo.

O infinito de todas as perfeições não pode ser attingido, bem o sabemos, mas qu'importa o não seja? O esforço para attingil-o já é muito e o bastante para nos dignificar perante elle e perante

os que já galgaram uma posição mais elevada em outros mundos de maior perfeição e de maior cultura.

Assim, pois, este livro é uma tentativa, de reivindicação da arte pela arte, pois estructura o pensamento em moldes novos, e revela a tendência de congruar a poesia á philosophia, sem desfeiar aquella, que não se sentio mal, estamos certos, em tal companhia. O fim tentado foi restabelecer o que parecia interrompido pelas idéias falsas introduzidas na religião e na philosophia. Unindo estes tres aspectos da verdade — a sciencia, a philosophia e a religião, não fizemos mais do que affirmar que qualquer uma dellas é uma irradiação, que, partindo do mesmo centro, tende a chegar ao mesmo objecto — que é a arte. Assim, fica, summariamente exposto, o que desejavamos, e ampliado o pensamento a esta dupla concepção — a substancia infinita e o absoluto poder — de onde tudo irradia, da planta ao anjo.

RYTHMOS E IDÉAS

I

Não foi de estyrpe nobre ou de radiosa pyra,
Que irrompeo este broto ou córculo maligno;
Tão pouco á voz do chantre, em sonora lyra,
Desarcebando o ardor n'alma de cada signo. . .
Vieste de fogo impuro, e, através a distancia,

Nem um raio ficou

Do sol que te gerou, Que te
nutrio, que te alentou na infancia.

Flor, onde o aroma? Abelha, onde o mel? Alma inquiet
Que andas a interrogar e a ouvir, de vaga em vaga,
Como evitar o mal ou encurtar-lhe a meta,
Ablaqueal-o, por fim, para curar-lhe a chaga?
Foste... O mar era calmo. . . As estrelas lusitanas
Docemente, no céu. . .
Seu azulado véu
Com visível terror, teus olhos percorriam...

Tudo obscuro.... E, no oceano, onde as ondas rolavam
Grebra e sonoramente, a mesma cruz alçada!...
Que te disiam, rindo, as visões que passavam
Pela vasta extensão da líquida esplanada?...
Que te disiam, sim, por esta praia infinda,
 Os ventos, de roldão,
 Na agitada amplidão
Do pego? Nada. Emtanto, eis-te a inquiril-o ainda.

Eis-te, de pé á prôa, a linha extrema ampliando
Para além do que o olhar póde abranger. O occaso Vae
no tope da náu as bándolas inchando. . . Pragueja em
torno o mar, masque quem n'oentende, acaso? Quem já deo
tecto ou sombra ao caminheiro exhausto?

A soffrer, e a lutar,

Vê, nas ondas, o luar,

Com duresa e desdém, alardear o seu fausto.

Tem tambem o seu lenho e a sua esponja amarga. . .
Riem-se os vendavaes da sua sorte extranha!
E' de espinhos o chão? pesa de mais a carga?. . . Não
tem fim esta dôr, nem cume esta montanha? Então a
obra de Deus não é perfeita? Encerra

Um vicio original?

Em vez do bem, o mal

Foi o que a sua mão deixou cahir na terra?

II

Luz ou sabedoria, amor ou fogo, eis tudo. . .
Ao descambar do sol ou ao clarear do dia,
Na voz do vento, além... ou no rochedo rudo, Fulge o
mesmo clarão, vibra a mesma harmonia

Essa explosão de occasos e de auroras,
A vela que o tufão despedaçou no mastro;
Frondes, aves canoras,
Cabeças louras, collos de alabastro,
Tudo, indistinctamente, o mesmo influxo anima.

No averneo fojo ainda heis de deparar a mesma

Emanação em sanie transformada. . .

O que rasteja, em baixo, ou o que scintilla, em cima,

Simulacro de vida, homem ou avantesma,

Haure na mesma fonte envenenada,

Depois do amor, em haustos delirantes,

Beber dos deuses na erethryna taça. . .

D'ahi, essas visões torvas e horripilantes,

E, em vez da luz de outr'ora essa atmospheria baça!

Tamanho foi o mal e a falta em que incorremos,

Que baldado tem sido o nosso empenho,

Em restaurar tudo o que subvertemos,

E mais pesado torna o nosso lenho.

Contraste de saudade e de esperança,
Harmonia divina, horto de dores;
Matilha, em fúria, que, a ladrar, se lança
Contra inocentes, contra malfeitores;

Passaro exul, a voar de França em França,
Com os seus sonhos, com os seus amores;
Perdão e graça, colera e vingança,
Como serpe a silvar por entre flôres;

Eis o que é o homem. Luz, embora occulta,
Irradia na face decomposta,
Com Werner soffre, com Menandro exulta.

Vamos, transpõe com passo firme a encosta. .
Vê como ao longe a cordilheira avulta,
E as ondas rolam sem fragor na costa...

III

Em vários tons feéricos diviso
A cidade que João de Pathmos viu rompendo
Do pavoroso cahos, do tremedal horrendo,
Para resplandecer ao sol do Paraíso.

Dos crêscimos da fé espúria exsurge. Acalma
O vendaval que as naves desarvora,
E, em redemoinho insano, arranca as
folhasd'alma
Para as arremessar pelos espaços fóra...

Vae o códão mudar em humus santo,
A agua petrificada do rochedo
Em crystalino arroio, e, ao longe, emquanto
Se ouvem os ninhos segredar, a medo,
E o canto do zagal na aba da serrania,
Parece unguido
De indisivel saudade, dia a dia,
Apezar do estampido
Dos canhões, novas terras conquistando,
Vê os reis a seus pés, e, impávida, acompanha
O sanguinário bando
Que o seu gladio de fogo expulsou da montanha.

O fementido beijo, a que vilmente
Os castos lábios entregaste, como
As graças todas, com lascivo assomo,
Em podridão mudára, de repente!

Foi angustioso o passo. A pureza d'antanho,
Alma pura, no lodo immundo revolveste:
De tão esteril grés como lograr o amanhã?
Como extrahir do fleuma a emanação celeste?

Da ábside luminosa o intenso brilho, agora,
Mostra á esmarrida terra os coruceus tristonhos;
E, humida, sobre a relva, entre as flores, a aurora,
A entreabrir os botões e a recolher os sonhos.

Como mistura ao prasio a amethista e o berylo,
E á corolla de um lyrio o firmamento, em peso:
Nas montanhas, á tarde, um relanço á Murillo,
Nos vergeis, de manhã, um tom á Veroneso.

Mas como estás distante ainda da essencia pura,
Do fogo, não de todo consumido. . .
Teus cabelos um vento de loucura
Desnastra, n'um frenético alarido!
E porque? A que mãos confiaste, temeraria,
Teu segredo, teu sonho, tua historia,
Seguindo a turba temulenta e varia
Da falsa fé, da falsa gloria.

Como o templo de Diana, em Epheso, offegante
Teu corpo, n'um furor vesano, se estortega:
Tal no gyro infernal, a lubrica baccante.

A' lascívia de um satyro se entrega. . .

Terra a gemer, sangue de almagre,
Corre, corre... Quem sabe o teu itinerário?
Se tens sede — eis aqui a esponja de vinagre. . .
Se remorso, porém, eis ali o Calvario.
Só por elle se attinge ao páramo estrellado,
Só por elle se chega á terra promettida.

Ainda é noite. Que tem? Retoma o teu cajado,
Velho e exausto viajor. Se é Íngreme a subida.
A fé que te sustente, o amor que te aconchegue.
E vendo em cada estrella um penhor da Aliança,
O' nave que pefdeste a bussola, prosegue
 No teu roteiro, e, quando, á semelhança
 Da que Jasão ás syrthes arriscara,
 Fôres dos feros ventos açoitada,
 Deixa a esperança, como uma almenara,
 Por entre as trevas, apontar-te o rumo,
Que não ha de tardar a surgir na esplanada,
Muito distante, embora, um pennacho de fumo.

Não o de Ithaca, mas o do alto monte, onde arde
Heloísa, teu altar, teu pharol, Tesephone.
Que tem que o valle envolva em seu burel a tarde,
E a campina deserta o pastor abandone?
Vieste para soffrer? Não, para o idyllio e a festa.
Para as noites de luar á sombra dos olmeiros;
 Para os sonhos que os genios da floresta
Desfolham nos pombaes e enramam nos outeiros.

Para a aventura de Berthrand e Helena,

Para a galanteria e a eterna juventude,

Onde o esplendor do céu illuminando a scena. Torna
mais puro o amor e mais bella a virtude.

De Helena os ternos ais o bosque inflamma. O' louca

Inspiração, ó louco aneio,

Dá ao negrume a luz que tens na bocca,

E ao penhasco o calor que tens no seio.

Radioso espirito da terra,

Formosa Catharina, em que retiro moras?

E se é teu este bosque, e se é tua esta serra,

Que divindade adoras?

IV

O' Amadis, ó Galaor, a chufa
Dos bufões vos manchou o glorioso vexillo.
E entre dichotes e assovios, rufa
O tambor de Crispim e Mascarillo.
Que gigantesco barathro referve
Neste angustioso lance, á luz dos candelabros?
A que deus esta turba abjecta serve?
Que é que se incensa nestes volutabros?

Dramas, bufonarias,
Santuarios de theatro, hordas de mamamuches,
E, ao clarão sepulchral das sacristias,
Clerigos folgasãos, bacchantes de babuches,

"Meu Senhor"! Uma voz murmura, e exhausta
Rola por entre os europeis da sala.

E como a chamma attrae e entontece a pyrausta,
O calor desses antros avassala
Os corpos, e incendêa as almas loucas. .
Riem-se, choram, e, entre gritos, cedem.
Que luxuria mais tragica essas boccas
A' insanidade e ao sacrilegio pedem?! . . .

O ritual dionysiaco,
Como rhapsodias barbaras, inflamma A voz
dos chantres. Sob o influxo demoniaco
Das tochas, pelos córos se derrama. . .
Festa de trasgos e de corybantes
Eis-vos em pleno expurgatorio!
Cantae, bebei, Thyades luxuriantes:
Ao *kyrie*, Tabarin, ao *Credo*, Juan Tenorio!

Festeja-se Noel. . . Dansae, como dansavam
Em meio do festim e no auge do tumulto,
Os que sobre os manteis sagrados immolavam

O que ficara do antigo culto.

Horrível quadro em que o Crucificado,
Soltando-se das dobras do sudario,
Entre Evohés, irrompe no tablado,
Como um grotesco fauno, ao fundo do santuário.

Baixa explosão do instinto,
Delirio em que a luxuria escancára as mil boccas
E deixa a baba impura enxarcar o recinto
Onde, aos grupos, vestaes se estorcem como loucas

Perdão, Senhor, perdão! Ao vosso amor ardente
Qu'importa a affronta dos allucinados,
 O espectáculo estólido e pungente
 Que esses monges, peiores que os soldados
 Da vossa escolta, vos estão mostrando?
Emtanto o vosso olhar, benignamente desce
Sobre essa bacchanal e o conelave execrando
Que o vosso lenho ultraja e o vosso exemplo esquece.

E esses giaours de lutulento aspecto
Que nojo causam, que pavor infundem,
Deitados á luz do Paracleto,
Onde do sol mais puro os raios se confundem.
Maravilhosa essencia, a cujo influxo vibra,
Quando a manhã desponta,
O arneiro, grão a grão, o roble, fibra a fibra,
Faz chorar essa farça e sangrar essa affronta.

A nave estruje; a turba, em louco babaréu,

Os toneis escancaram. . .

O vozeiro ensurdece e aos phallus, em trophéo,

Mulheres núas que, ainda ha pouco, o chão
mancharam,

Entoam psalmos, pedem mais vinho. ..

E entre tantans, batuques e assovios,

Surgem com as vestes em desalinho,
Frades foliões, balordos e sadios.

V

Entanto, o homem caminha...Asvozes de outras eras
Não n'o atormentam mais. Que rumo é o seu ?" Avante
Avante!" O mar, sem fim, vão sulcando as galeras...
Que destino terão? Que horas marca o quadrante?

E' abrir velas ao vento e inquirir o horizonte. . .
Se a terra, á luz do céu, surge envolta em nateiros,
Se limpo já não é o jorro, ou pura a fonte,
Que o homem desalterára em seus dias primeiros,

De quem a culpa? Quem a derrancára e ao fogo
Do inferno a subvertera? Em vão buscamos, hoje,
Contrastar o furor dos vendavaes, em jogo,
E, de novo, sorrir, á crença que nos foge! . . .

Que philtro lhe accendera essa ira inominada,
E lhe adestrára o braço e lhe aguçára a presa,
Para lançal-o assim, n'uma louca arrancada,
Contra irmãos sem defesa?

Oh! não era essa a lei, a lei que as almas une!
Pragas e maldições tombaram. Era infausta
Que os culpados absolve e os innocentes pune!
"Caminha!" Diz á terra, envilecida e exhausta!

"Caminha!" E os ventos rijos
Bradarão pelos céus sombrios e tristonhos. . .
E dos grotões, depois, pelos esconderijos,
Espalharão teus ais, desfolharão teus sonhos!

Do antigo rito a voz perdeu-se. . . O pensamento
Não é mais o que foi. Luz, em lodo immergio,
E, em vez da náu aproar, com rumo ao firmamento,
Desviou-se do roteiro e nos parciais cahio.

Nas trevas em que jaz, agora, sepultado,
Que vê, que ouve ou que mão lhe guia o passo incerto,
— Espirito aterrado

Pelas sombras da noite e os ventos do deserto?

Lucta! Não olhes como. Arca por arca. Fende,
Retalha a pedra, abate o muro, investe a torre.
E pelo espaço além, o teu dominio estende:
Continúa a luctar, quem pelejando morre.

Espera, homem. Não é em vão, que a porta bates De
quem, por muito amar, abjuraste e offendeste. Resiste
com vigor aos últimos embates
E accusa no Pretorio o que hontem defendeste.

No impaciente corcel enterra os acicates,
E, lançando-o, aos galões, sobre o pincar agreste
Verás que já não são tão rudes os combates,
Nem tão revoltado o mar, nem tão frio o nordeste.

Ah! tudo tem o seu desenlace e o seu termo;
E o que rolou na arena ou definhou n'um ermo,
Não se transforma em pó, ergue-se e volve á lucta.

E continua a ser o que era ou foi na terra,
—Ganga, que o ouro contém, húmus que a flôr encerra,
E a vida, palmo a palmo, á podridão disputa.

Fere a pedra e que jorre água como a da fonte
Que a vara de Moisés abriu na rocha. Vamos! . . .
Amas? Sobe. . . Ali tens o pincaro do monte;
Queima? Desce... e descança á sombra destes ramos.

O que brilhou em Chio, e floresceo em Samos,
E banhou como um luar, a alma de Anachreonte,
Quer ser mais. . . quer subir de onde nos despenhamos
Para outras terras ainda occultas no horizonte.

Segue... Acelera o passo. Abrolho a abrolho, arranca Ás
carnes a sangrar. . . A escuridão espanca Aos caminhos
que tens de atravessar, contrito.

Não te detenhas — Longe a madrugada aponta: E' a vida
que surge, é o sol que desponta Para a gloria e o
esplendor do teu ser infinito.

VI

Deixa o pó que te humilha e ama a luz que te eleva;
Nella começa e acaba o teu ser. Absorvida
Na cellula, que é barro, e no espaço, que é treva,
A razão, gráo a gráo, continúa a descida...

Sepulchrario da luz, foste e serás, ó sábio!
A luz que a innundação levou de meandro em meandro.
A que se redusio o arrojo do astrolabio,
A astucia do escaphandro?

Cuidas subir, tomando a latitude aos astros,
E seguir-lhes a traça, amontoando parcellas.
De tanto orbe apagado, onde estarão os rastros?
De tanta náu perdida, onde estarão as velas?
Nem um passo sequer no rumo da verdade! . . .
A mesma inquietação, a mesma obscuridade
 Em tudo: — no botão, no caule, na semente.
Eis-te perplexo e mudo ante estes tres enygmás,
Estas tres expressões, estes tres paradygmás
Da energia absoluta em repouso apparente.

Despenhando-se a luz, funde-se em novos planos;
Nubla-se no alcantil, enflora-se na seara:
Rasga sulcos no solo e arremette os oceanos
Para os mudar mais tarde, em nevoa ou solfatara

Sabedoria e amor, eis a fonte, eis a origem
De tudo que existio e existe no universo:
Nossos barcos sem leme, entre os parceis dirigem
E nos salvam, embora o nosso fado adverso.

Cada ser que caminha, ou aguarda o momento
Da ancora levantar e partir, é o mesmo homem,
A mesma combustão, o mesmo movimento
Que as cellulas compõe e as cellulas consomem. . .

Nas correntes do mar, no perfume das flôres,
No cariz da manhã, de rutilantes côres,
Esbrasea-se o amor, fulge a sabedoria.

Quem ergue a flor no hastil e cresta a flôr no calix,
E crystalisa a rocha e reverdece os valles
Com a sua turbulência e a sua louçania?

A scintilla divina, a substancia infinita,
A caridade e a fé. O sol que o sol suscita,
O pistillo que o instincto absorve, a alma que encerra
A alegria do ceu e a tristeza da terra,
Em outros sóes resurge. Ao longo da campina
Tufos de resedás e de boninas deixam
Um cheiro alacre e extranho. . . A' aragem vespertina
Não se sabe porque, os cálices se fecham!. . .

VII

Amphitheatro fatal! O que somos devemos
Ao falso dogma, ao falso ensino, á falsa igreja.
Falta-nos o vigor para mover os remos,
Desencadear o assalto e insistir na peleja,

Do trifolio do altar á ogiva do santuário
Poeira ... Ruínas ... Quem ha de as torres arrogantes
Reconstruir, e, de novo, o tremendo adversario,
Vencido, ver morrer ás suas mãos possantes?

Homem, victima e algoz do próprio orgulho, luctas
Emtanto, um novo culto absorver-te, parece.
No coração recalca o que te ensoberbece;
Examina em ti mesmo o que fóra perscrutas.

No horizonte, que vês? No deserto, que escutas,
Quando a manhã desponta ou a noite apparece?
A alma, a luctar em vão, n'um corpo que apodrece
Sobre o mesmo tablado as mesmas cousas brutas?

Deste abysmo que extraes, neste chaos que corriges,
Como a ordem implantar em meio aos elementos
Que tu mesmo creaste e tenazmente affliges?

Desabam com fragor terras e monumentos. . .

E, quando, em pleno mar, tranquillo, a não diriges
Turvam-se os ares, treme o chão, zunem os ventos!...

Somos terra em pousio, ou terreno semeado,
A florir em talhões ou á espera do arado?
Que somos no alto mar ou na floresta escura?
Borboleta gentil ou gástrula marinha,
Que as infindas regiões do pélagos esquadrinha,
Ou da rocha os desvãos na preamar procura?

Gástrula, mas de fino e custoso adereço;
Larva, mas de fulgente e riquissimo adorno.
Aqui, tecida em ouro, ali, lavrada em gesso,
Falquejada ao cepilho, ou desbastada ao torno.

Na alluvião deslustraste as tuas brancas vestes. . . Ainda ha signaes do teu fastigio em Suph, em Silo, Em Gessur, em Rabbath. Ás phalanges celestes Te incorporaste, e, á frente, empunhando o vexillo, E o bárbaro investindo, ás ameias subiste, Os bastiões derribaste. . . Admirável bravura! Embriagado, porém, pela gloria, cahiste, E de crimes manchaste a tua estribeira pura!

Como ter mão do teu aviltamento, e a borda
Do abysmo te deter? Como fazer-te escravo
Da lei que nos repõe no mesmo plano e accorda
Em nossa alma o perdão e nunca o desagravo?

Também tu chegarás, homem, de novo, ao cimo
De onde rolaste. A dôr, entre soluços roucos, Teu
corpo fatigado e coberto de limo, N'um esplendido
sol transformará, aos poucos.

E o raio luminoso, a escuridão rompendo,
Á pedra anunciará rota menos sombria.
Se está duro teu corpo e tu'alma está fria,
E logra caminhar, n'um esforço estupendo,
E' que o amor só ardeu nas ultimas camadas... Em
cima, a juga queda, indiferente e calma. . . Então
não é um ser, não tem, então, uma alma, Como a
que abre o botão e canta nas latadas?

Sim, como a nossa, em transe, e, como a nossa em lucta.
Um impulso a arrebatá, outro impulso a agrilhoa
Ao poste em que succumbe, ao prelio em que disputa,
Ao instincto, a victoria, ao martyrio, a corôa.

E, apesar da pressão de elementos contrarios
Á expansão natural de forças, em contraste
Com aquelle impulso, a flôr abre a corolla na haste,
Enche a luz a amplidão, enche o mel os alviarios. . .

Mas nessa confusão, nessa desharmonia

De granulos, de embryões, de filamentos, —
Um centro unico opera. E esse centro que exerce
Na região mais ardente, ou na região mais fria,
Um domínio absoluto, através os espaços,
De que argamassa fez a cupula, o alicerce
Desse edificio immenso? Onde o signal ou traços
Da sua mão? Por onde andou? Porque caminhos
Seguiu, varando o mar e contrastando os ventos,
Para ali percorrer todos os escaninhos,
E observar, mais além, todos os movimentos?

VIII

Rythmo, que a tudo leva o equilibrio e a defesa;

Som e matiz, luz e perfume.

Som para o nosso ouvido e a nossa natureza,

Mas que n'um plano ácima outra apparencia assume

Se é perfume, em luz pura se transmuda;

Se brilha, — além gorgeia ou desafia os ares;

Todo em sonhos se evola ou em dons se desnuda

Nos espaços, sem fim, ou na amplidão dos mares.

Rythmo que, a um tempo, canta, esplende e aromatisa:

O som na cor imprime; a côr no som entalha.

Se é luar — o serro innunda e pelo azul deslisa Amplo,
sem um rasgão, puro, sem uma falha. Rythmo na
constellada abobada, na esphera

Em que outro aprisco vela e outras ovelhas balem, . . Do
fogo promanou e com o fogo coopera

Para que todas as cousas

O mesmo espirito immortal exhalem...

Sim; é mister que o vento ao tropeçar nas lousas,
Lhes ouça as vozes, e os soturnos passos
Sigam desses errantes caminheiros,
Que, á noite, vêm ouvir nos afastados paços,
Angustioso clamor, risadas que os salgueiros
Funebremente do seu somno arrancam...
Mas, através o véu que as virações espancam, Uma
cruz muito negra e solitaria avulta.
Eil-o o Crucificado. Embora! Eil-o sublime
No seu martyrio, oppondo á vilania e ao crime Tudo
o que o bem encerra e a tolerancia occulta.

Renasça a religião que as seitas profanaram,
A palavra que, tu, como ninguém, tão alto
Erguera. O desespero, a angustia, o sobresalto
Que o terror nos causou, e as paixões nos deixaram,
Com o mesmo ardor contem, com a mesma fé dispersa.
E esta, que é a própria vida, em barro objecto immersa,
Que nos inunde o peito e nos oriente o rumo.
Saíam todos a ouvir tua palavra santa,
Que as demais illumina, e, sem custo, supplanta,
Como os raios do sol, tenue nuvem de fumo.

A esse estuário de fogo e de lama, que, em vão
Tentas desinfectar, que reserva o destino?
Se é dor o que devora e inflamma o coração,
Muito tem que sofrer ainda o peregrino.

Ah! muito — Fibra a fibra arrebata-o a ilusão
De que de facto, achou na terra o velocino;
E, que, em meio de toda essa conflagração,
E' o ultimo templário, o ultimo paladino.

Louco! Quanta arrogancia em teu olhar sem luz
Quanto sangue a escorrer, em borbotões, da
cruz Que não soubeste honrar no extremo
sacrifício.

Não te exponhas ao mal, não caias outra vez,
Mas do escaldado monte, affrontando a aridez,
Aos abutres te entrega e morre como Tício.

Possam teus olhos ver a estrada que se estende
De Pathmos á cidade a que o vidente allude.
Pelo seu esplendor, pela sua altitude,
A nossa vista offusca, o nosso sol transcende.

Possam trazer os annos

Paz aos que estão gemendo ou aos que vão clamando
Pelas estradas contra os fados deshumanos,
E, unindo os corações ao que ainda está sangrando
Por nossa culpa, obviar ás faltas e descrimes
Da nossa subversão e ignomínia. Nem queira,
A opressão constranger; o ferro
Depois de tanta affronta e de tantos crimes,
Investir o reducto e escalar a trincheira,
Que, de há muito, a verdade oppõe ao erro. —

Que se saiba, afinal, que tudo é amor. Qu'importa
Chorar, se amanhã der fructos o nosso pranto?
Batem? Chova ou não chova, abre, deprompto, a porta,
Seja quem fôr, hospeda-o e envolve-o no teu manto.

IX

Nem temas enganar-te. A mão que ergueu do chão
Quem, sem forças, tombou, e aqueceu ao fogão
Quem lhe bateu á porta a tiritar de frio,
Não é tojal maninho. O veleiro tardio
Desarvorado vae, á mercê do escarcéo.
Assim, o homem, também, de boléo em boléo,
No encapellado mar uma enseada procura.
Quem o guia em tão longa e incerta singradura?
Quem lhe diz que é mister esse esforço e esse ardor,
Que é pura a sua fé e grande o seu amor?

Pura! — E Toledo ostenta-a em vestes fulgurantes,
E um rubro altar a immola. Hordas de delirantes
De estarcão e burel, dentro das cathedraes,
A encimam nos balsões, a esculpem nos punhaes.
Grande! Mas Calahorra em litanias arde.
Brada Castella: “E’ cedo!” E Sáragossa: “E’ tarde!”
Se é mesmo o auto da fé a *ultima ratio*, a lei,
E’ transigir com o erro e submetter-se á grey.

Catalunha de horror esconde a face austera.
Que alma foi mais ardente e que dôr mais sincera
Do que a desse soberbo e admiravel marquez
Que a monstruosa facção recuar tres vezes fez?
Pura é a de Saint Amour, grande é a de Ganganelli,
Que á justiça e ao perdão nossas almas propete.
Esta, sim, é o Santero, o milagre, o festim
Que havemos de assistir e commungar, por fim.

E, a par da intemperança e da lubricidade,
Que se vê, contrastando a pureza e a humildade
Do martyr que aos demais sobrelevára? A quem
Ungir com o nosso amor, quando em seu nome vem
Uns bárbaros sem lei, duros como gentios,
Manchar a nossa fé e pelos céus sombrios
Patibulos erguer, fogueiras atiçar?
Mas da chacina, após, que ficou a sangrar
No fundo do santuario? A que baratro, aos poucos,
A consciencia e a razão arremessastes, loucos?

Desse extranho conclave o espectro acaso, faz
Renascer e viçar esse instinto procaz
Que enlangueceu Segovia e arremessou Sevilha Aos
pés do renteador mais bravo da Quadrilha?
Que expressão sepulchraí nesse Carreño! A dor Tenta
da horrível farça aplacar o furor.
Nada mais resta, pois, da sublime doutrina
Que a perdoar nos condemna e a soffrer nos ensina.

Ah! só ficou de pé, depois da subversão,
De tanto soffrimento e tanta abnegação,
Em vez do circo — o altar, em vez de Biblos — Roma!
E, outra vez, o negrume e o enxofre de Sodoma
Destruíram os casaes, talaram os redis.
Ouvia-se de longe o estrondo dos fusis.
Illaqueando a rasão, em tanto modo, a teara
Levou ao fructo a sanie e expoz á mangra a seara,
Que acabamos sem ter nas tulhas que comer,
Nem o que sacholar, nem o que recolher.

Que objectivo passou a ser o nosso, então?
Que logramos obstar? De que lançamos mão
Para do mal conter a violenta investida,
Ou da enfesta abrasada evitar a descida?
Não havia fugir ao Incubo cruel;
Dos labios afastar o calice de fel.
Pela praia deserta as ondas ululavam. . .
Quantas almas, ali, a soffrer não estavam!. . .
Quantas! O que julgais, apenas, fumo ou pó
E', em substancia, — luz ou pensamento só.

Soffre para que o fogo arda outra vez na pyra,
Em que aqueceste o corpo e sobalçaste a lyra.
Resgate-nos a dôr que, aos poucos, nos faz ir
Da ulva ao raio solar, do passado ao porvir,
Isto é, da idéa-flôr á idéa-homem. Ruja
No Orço que um sedimento igneo e tabido suja
O rafalo feroz levando tudo a flux.
Quem n'o enfurece, e, a seu talante o amaina? A luz,
Luz, que na pedra, embora, age como se fôra
O que a razão aclara e o firmamento doura.

Deixem a terra arder em seu odio e em seu mal.
Ha de á verdade e ao bem acolher-se afinal.
Então o Éden, de novo, as almas abrasando,
Em festas esplendendo, em sonhos se embalando,
Exultará. E, assim, ás vossas mãos, Senhor,
O homem mudando irá. O involucro exterior,
Mais leve e transparente, ao sol de um novo dia,
N'um magnifico surto, os raios, á porfia,
Ornará de irisado e fulgido matiz.
Vae ser grande, vae ser bello, vae ser feliz. . .

A clemencia, a doçura, a vida, o paraíso,
Ganham-se, com vagar, não se obtêm de improviso.
Depois de suportar uma existência atroz,
De rugir na prisão e gemer no cadoz,
Só, então, a alma vê que tudo é fogo. Gelo,
Arvore ou pensamento; o arranco ou o atropelo
Das marés; o tufão, a neve, o argueiro, o som,
Tudo o que é negro e máo, tudo que brilha e é bom,
Participa, Senhor, seja ganga ou pepita,
Do absoluto poder, da substancia infinita.

N. 1.137 — Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves
